

OUTRAS FACETAS DO DESENVOLVIMENTO: o uso de documentários na crítica ao modelo de desenvolvimento competitivo global
OTHER FACETS OF DEVELOPMENT: the use of documentaries in critique of the model of global competitive development

Carlos Alberto Máximo Pimenta¹, Samanta Borges Pereira², Gabriela Belleze³, Viviane Guimarães Pereira⁴

¹ Universidade Federal de Itajubá- carlospimenta@unifei.edu.br

² Universidade Federal de Itajubá- samantaborges81@gmail.com

³ Universidade Federal de Itajubá- g.belleze@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Itajubá- vgpereira@yahoo.com.br

Recebido em 19 de Setembro de 2017; Aceito em 16 de Novembro de 2017.

Resumo

Este artigo é o resultado das reflexões realizadas nos encontros do projeto de extensão executado na Universidade Federal de Itajubá sob o nome 'Cine & Prosa', que teve como proposta a exibição de documentários, os quais tecem críticas ao modelo de desenvolvimento econômico hegemônico. Objetiva-se identificar as narrativas que reforçam os modos de viver do lugar, que colocam em contraposição os modelos de desenvolvimento global, baseado na individualidade e competitividade, e outras formas de desenvolvimento, estruturadas em relações de confiança e cooperação. As informações foram coletadas das discussões sobre os documentários Futuros Antigos: aprendendo com Ladakh (1993), Noivas do Cordeiro (2007) e O Mineiro e o Queijo: patrimônio proibido (2011). Na sistematização dos dados, pela correlação entre teoria e os depoimentos selecionados, vê-se que as diferentes concepções de desenvolvimento, em distintas realidades, podem constituir experiências que consideram as dimensões do social, da cultura e da sustentabilidade, traduzidas como outras possibilidades de desenvolvimento.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Cooperação. Dimensões Socioculturais do Desenvolvimento.

Abstract

This paper is the result of the reflections held in the meetings of the extension project executed at the Federal University of Itajubá under the name 'Cine & Prosa', which had the proposal of the exhibition of documentaries, which criticize the hegemonic economic development model. The objective is to identify the narratives that reinforce the local way of living, which put in contrast the models of global development, based on individuality and competitiveness, and other forms of development, structured in relations of trust and cooperation. The information was collected from the discussions about the documentaries Futuros Antigos: learning with Ladakh (1993), Noivas do Cordeiro (2007) and O Mineiro e Queijo: patrimônio proibido (2011). In the data systematization, through the correlation between theory and the selected statements, it was possible to see that the different conceptions of development, in different realities, can constitute experiences that consider the dimensions of social, culture and sustainability, translated as other possibilities of development .

Keywords: Development. Cooperation. Sociocultural Dimensions of Development

Introdução

Este artigo é o resultado das reflexões realizadas nos encontros do projeto de extensão registrado na Universidade Federal de Itajubá denominado 'Cine & Prosa'¹, que teve como proposta a exibição de documentários, os quais tecem críticas ao modelo de desenvolvimento econômico hegemônico.

Essa experiência colaborou com a discussão sobre o tema do desenvolvimento econômico e contribuiu para evidenciar a questão central privilegiada pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG DTecS), qual seja: a ampliação das discussões sobre desenvolvimento para às dimensões do social, da cultura e da sustentabilidade, traduzidas como outras possibilidades.

Parte-se do pressuposto de que outras formas de desenvolvimento pode trazer elementos importantes para se pensar na contramão dos processos produtivos globais (DOWBOR, 2001; BANDEIRA, 1999), estes últimos sendo promotores de padronizações socioculturais, econômicas e políticas, desencadeadas pelos países centrais e impostas aos países periféricos. Na contextualização desses processos uniformizadores, alinha-se as preocupações de Furtado (1974), Arrighi (1997), Dubet (2003), Santos (2004) e Sachs (2012), no sentido de explicitar como as transformações que o modo de produção mundial, tecnológico e informacional suscitam, determinam as consequências que se configuram nesse conjunto de países. Não se perde de vista os processos globais, mas as intencionalidades da proposição recaem sobre a esfera local.

Os documentários escolhidos revelam as dificuldades da padronização de um determinado tipo de desenvolvimento e nos remetem à seguinte reflexão/pergunta: de que modo o local pode se consolidar como alternativa, ou como possibilidade, de desenvolvimento que incorpore o social e o ambiental?

Em outros termos, o local passa a ser um campo de possibilidades de desenvolvimento cooperativo, com potencial para fazer frente às imposições e às consequências da sociedade tecnológica-informacional altamente individualista e competitiva. De certa forma, o local promove um conjunto de práticas cooperativas, de tratamento da terra e da natureza, das identificações e identidades que o constituem, as quais produzem os sentidos aos diversos elementos socioculturais que organizam o grupo e a vida em coletiva.

Dentro desse escopo, compreende-se que diferentes sociedades apresentam problemas e soluções próprias, as quais envolvem fatores históricos, sociais, ambientais, culturais, simbólicos, intelectuais, morais, éticos. A negação desses fatores, diante da imposição de um modelo único e padronizador, agrava as disfunções socioculturais existentes e impede a constituição de um desenvolvimento efetivo, harmônico, em escala global.

Por meio da apreensão do estilo de vida dos grupos observados nos documentários é que se vislumbra a contraposição ao modelo de desenvolvimento global, baseado na competitividade. Objetiva-se identificar as narrativas que reforçam os modos de viver do lugar, em que se coloca em xeque as concepções de desenvolvimento global e competitivo por meio da valorização de relações caracterizadas pela confiança e cooperação.

Do ponto de vista metodológico, as informações foram extraídas dos documentários exibidos no projeto "Cine & Prosa"¹, o qual tinha a intenção de fomentar a discussão sobre as formas de desenvolvimento experimentadas em diferentes tempos históricos, lugares, culturas e sociedade.

As discussões realizadas nos encontros foram registradas em relatórios e categorizadas na forma de temáticas: trabalho, saúde, identidade, saberes locais, meritocracia, meio-ambiente, educação, segurança, cooperação, cultura, tempo, artefatos, agricultura, tradições. Na sistematização das temáticas, três documentários apresentaram um eixo comum: a cooperação em comunidades tradicionais, com forte relação com a terra e com os saberes locais.

Na execução do projeto, foram exibidos 11 filmes-documentários dos quais três foram selecionados para esta análise, a partir do eixo da cooperação e coletividade, quais sejam: Futuros Antigos: aprendendo com Ladakh (1993), Noivas do Cordeiro (2007) e O Mineiro e o Queijo: patrimônio proibido (2011)².

¹ Processo nº 23088.009584/2016-37 registrado na Pró-Reitoria de Extensão na Universidade Federal de Itajubá.

² Reduziremos os nomes dos filmes com título e subtítulo, durante o texto. Portanto, Futuros Antigos: aprendendo com Ladakh será mencionado apenas como Futuros Antigos e O Mineiro e o Queijo: patrimônio proibido será mencionado apenas como O Mineiro e o Queijo.

O documentário *Futuros Antigos* de 1993 foi produzido por John Page e conta um pouco da história do Ladakh, localizado no alto Himalaia, lugar de clima extremo, que guarda tradições de frugalidade e cooperação há mais de mil anos, juntamente com um conhecimento local íntimo e específico do meio ambiente.

Noivas do Cordeiro é uma produção da GNT de 2007, direção de produção de Regina Santiago. O documentário conta a história da comunidade rural denominada “Noiva do Cordeiro”, localizada no município de Belo Vale, a cem quilômetros de Belo Horizonte, Minas Gerais. A comunidade sofreu hostilidade e isolamento pela igreja e pelas comunidades vizinhas e o documentário apresenta como tema central o preconceito e a superação. O grupo se caracteriza pela predominância de mulheres e pela forte relação coletiva, de união e cooperação.

O Mineiro e o Queijo é um documentário de 2011, com direção de Helvécio Rattón e produção de Simone Magalhães Matos, que tem como discussão a tradição de quase 300 anos do queijo-minas e a contradição que o ameaça: apesar de ser considerado patrimônio nacional, é proibido de circular livremente no Brasil. Filmado nas regiões de Serro, Serra da Canastra e Alto Paranaíba, em Minas Gerais, o documentário mostra o vínculo dos produtores com esse saber secular e as relações de respeito, confiança e cooperação entre produtores, produto e natureza.

Na correlação das falas contidas nos documentários com a teoria privilegiada, é que se apresenta a ideia proposta enquanto lugar de partida sobre as perspectivas do desenvolvimento global e local. Os documentários selecionados são o pano de fundo para a realização da análise. As falas privilegiadas ilustram, a partir da realidade exibida, a concepção de cooperação e coletividade.

Para dar maior assertividade ao teor dos argumentos extraídos, foi necessário rever os documentários por três vezes: uma primeira vez para compreender a discussão geral de desenvolvimento; uma segunda vez para compreender a concepção de cooperação e coletividade; e uma terceira vez para transcrever na literalidade, as falas selecionadas, bem como estabelecer o procedimento de correlacionar os fragmentos das falas com as teorias escolhidas.

O texto divide-se na Introdução, onde o objetivo é apresentado; segue-se com a discussão teórica sobre as outras facetas do desenvolvimento, traz as ausências como possibilidades, a partir das narrativas privilegiadas dos documentários selecionados e encerra com as considerações finais, sintetizando a discussão apresentada.

Do global ao local: outras facetas do desenvolvimento

As sociedades contemporâneas ditas informacionais e tecnológicas trouxeram consigo um conjunto de questões de cunho político-econômico, sociocultural, simbólico e moral, cada vez mais confusas e enigmáticas, que colocam em evidência a necessidade de transformações severas. Do global ao local, os esforços são de todas as ordens.

Dentro da dinâmica socioprodutiva e das escolhas organizativas pautadas na cultura ocidental, o conceito de desenvolvimento merece ser reelaborado e, sobre ele, promover uma vigilância constante para se evitar as confusões entre desenvolvimento e crescimento e entre a amplitude desse conceito com suas constantes reduções ao campo do conhecimento econômico (PIMENTA, 2014).

Na constatação da existência de processos contemporâneos de acirramento das dominações dos países centrais aos periféricos dentro do capitalismo tecnológico e informacional, repensar a Teoria da Dependência se faz pertinente. Esta surge na América Latina por volta de 1980, representada por Celso Furtado como uma tentativa de entender a subalternidade desses países em relação aos países centrais.

Em “A ilusão do desenvolvimento”, Arrighi (1997) divide a economia mundial em três zonas: núcleo orgânico, semiperiferia e periferia. Nesta divisão, aponta ser muito difícil a passagem dos países da periferia e semiperiferia para o núcleo central da ordem mundial. Na trilha do autor, a dependência³ vai além das condições econômicas e discorre sobre o domínio do conhecimento, da produção científica, da tecnologia e da inovação⁴. Essas condições, na posse exclusiva

³ Não é a intenção desse artigo trazer as discussões da CEPAL ou da literatura sobre a teoria da dependência, muito menos entrar nesse campo de conhecimento. Nossa pretensão é a de localizar as dinâmicas do global para apontar as pertinências do local e as possibilidades de outras entradas às demandas do desenvolvimento.

⁴ No Brasil contemporâneo tem-se promovido severas críticas à dinâmica e às agendas políticas de Ciência, Tecnologia e Inovação. Não dá para desvincular esse percurso das questões atreladas ao desenvolvimento. Nesse sentido, ver Dagnino e Bagattolli (2010).

dos países centrais, configuram a manutenção da dominação e da dependência.

Na crítica ao pensamento Schumpeteriano - da destruição criativa - e ao sistema capitalista, Arrighi (1997) aponta que a competição, elemento que compõe a dinâmica do modo de produção e do mercado, tende a gerar inovações as quais rompem com qualquer ordem costumeira que tenha sido ou esteja sendo estabelecida em um dado momento. Para ele, essa tendência aumenta as pressões competitivas e as concorrências entre mercados, empresas e Estados, a qual promove acordos, arranjos, desajustes, sobreposições de costume e valores a todo instante e ordem. Na competição e concorrência vigoram a lei do mais forte e do inovador. Tudo que não se enquadra nos acordos, arranjos e ajustes da ordem mundial vigente pode virar obsoleto.

As inovações constituem pilares da ordem capitalista, sempre em perspectivas binárias, ou seja: introduzidas em parte como uma arma ofensiva e em parte como uma arma defensiva, pois precisam vencer a resistência dos costumes enraizados e moldar as instituições para sustentar os interesses do capital (instituições sendo Estado, empresas e domicílio).

Em seus apontamentos sobre o mito do desenvolvimento, Furtado (1974), desde a década de 50, alerta para a necessidade de superação do estado de subdesenvolvimento dos países tidos como periféricos. O autor indica, dentro do sistema produtivo, as viabilidades e os meios de superação daquela condição desfavorável. Para ele, do ponto de vista histórico, há esforços de contraposição ao modelo hegemônico.

Na tensão entre desenvolvimento e crescimento, observa-se as consequências de se privilegiar os caminhos economicistas do crescimento, afetando a ordem mundial. Aos olhos dos impactos produzidos pela noção de progresso vê-se o agravamento dos problemas sociais, econômicos, culturais e ambientais advindos dessas crenças. Superar os determinismos econômicos, o processo de industrialização tecnológica e informacional e a competição por inovação, todos dentro do contexto da contemporaneidade, se caracteriza como uma alternativa ao modelo de desenvolvimento estabelecido.

Arrighi (1997) mostra que um impasse, enfrentado pelo capitalismo tardio, tem origem em problemas de “superacumulação” e profetiza como improvável sua superação a menos que haja uma reorganização da economia mundial em termos não-capitalistas.

Em países periféricos, a passagem para o modo de produção do capitalismo contemporâneo, evidenciado pelo conhecimento, tecnologia e inovação, faz emergir consigo velhos, novos e outros dilemas a superar. No Brasil, por exemplo, não equacionamos questões sociais, políticas, culturais, filosóficas, morais e simbólicas básicas, promovidas em nossa formação histórica como nação, país e identidade⁵.

Nesse quadro, a proposta de Sachs (2004) é a de desenvolver estratégias de desenvolvimento que assegurem o emprego decente a todos, promovendo o emprego e o autoemprego. Aposta no poder do Estado e na valorização de políticas públicas que façam valer esse trajeto. Para ele, há que se promover um conjunto de políticas sociais compensatórias, uma vez que são essenciais enquanto existirem as discrepantes diferenças sociais e os níveis de exclusão conhecidos hoje no Brasil. Para além do emprego, há urgência também na promoção do acesso universal à educação, saúde, saneamento e moradia.

Retratando a realidade latino-americana, Sachs (2004) toma a Argentina como exemplo de como países com disposição de recursos naturais e humanos podem, através de uma política equivocada, “inspirada por uma visão idealizada de uma globalização simétrica e mutuamente benéfica e pelo fundamentalismo de mercado” (SACHS, 2004, p. 10), transformar-se no caso mais extremo de “pobreza na abundância nas palavras de Keynes”.

Sachs (2012, p. 8) ao discorrer sobre esse desequilíbrio social afirma que “uma pequena minoria ocupa as cabines espaçosas e confortáveis do convés da espaçonave Terra, enquanto a grande maioria é condenada a uma vida miserável em pequeninas celas, tendo de trabalhar duro para sobreviver precariamente”. Propõe um fim ao ‘escândalo da desigualdade abissal’ nas condições existentes em cada nação e entre nações. Para Costa (2004, p. 97)

⁵ Para aprofundar sobre a questão da formação do Estado moderno brasileiro e consequências sociais ver: Costa e Pimenta (2006).

a análise “reflexiva” da globalização reordena o mundo, (re)-hierarquizando-o normativamente. Confere à emancipação social um centro geográfico e associa a ela não mais apenas um conjunto de ideais abstratos. A emancipação, entendida como uma “segunda Aufklärung” (Beck), radicalizou-se e penetrou o cotidiano, transformando-se em forma cultural de vida. Levado a suas últimas conseqüências, o modelo da modernização reflexiva implica que, para aqueles que não tiveram a mesma sorte dos contemporâneos alemães ou britânicos de Beck e Giddens, de poder partilhar a experiência de se auto-reformar mediante a generalização das incertezas e da tomada de consciência dos riscos, só resta esperar e torcer. Esperar que a globalização permita, enfim, que os europeus reesclarecidos recolonizem o mundo. Torcer para que, dessa feita, a colonização seja reflexiva.

O movimento foi mais normatizador do que transformador. Aos países em processo de desenvolvimento impõe-se enfrentamentos na perspectiva de que repensem suas incursões na ordem mundial ou aceitem seguir a cartilha ditada pelo países centrais aos periféricos. Esse esforço de avaliação requer questionamentos: quais são as saídas? Como pensar, em escala mundial, a partir dos países periféricos?

No debate sobre desenvolvimento, a leitura dessas demandas se configura nos limites da visão econômica (PIMENTA, 2014), em que as agências mundiais formalizam políticas globais que intensificam inovações tecnológicas e investimentos pela manutenção do próprio sistema econômico (ANDRADE, 2006), em detrimento do que Sachs (2002) sugeriu sobre “desenvolvimento sustentável”, ou seja, o alcance de todas as dimensões da sustentabilidade: ambiental, social, cultural, espacial, psicológica, política nacional e internacional e econômica.

Os processos de globalização formatam configurações político-econômicas de dimensões transnacionais que afetam subjetividades, pessoas, grupos, organizações de âmbito local e impulsionam transformações radicais, redimensionando direitos, princípios e valores (SANTOS, 2004).

Da leitura de Santos (1997), pode-se afirmar que o modo de produção industrial, o conceito de urbano e a racionalidade moderna inviabilizaram a valorização de experiências coletivas. O autor argumenta que a cultura ocidental privilegiou as linhas de pensamento de Hobbes – do homem é individual, competitivo e violento, que precisa do contrato social racional e da figura do Estado para criar os interditos do convívio social - em detrimento das concepções de Rousseau – do homem dócil, de convívio socialmente harmônico, que precisa do contrato social apenas para ampliar as relações coletivas e cooperativas inerentes à constituição humana. Ao privilegiar a competição, esse outro aspecto do lado humano é negligenciado e desconsiderado.

Santos (1997, p. 34) aponta que “a solução privilegiada para a progressiva e global racionalização da vida social e individual, tem-se vindo a converter, ela própria num problema sem solução, gerador de recorrentes irracionalidades” e arremata afirmando que hoje “essa transição paradigmática, longe de se confinar ao domínio epistemológico, ocorre no plano societal global”.

Do cotidiano dos centros urbanos de médio e de grande porte, podemos salientar que a nossa morada, a escola dos filhos, o médico da família, o espaço de trabalho e os hortifrutigranjeiros que consumimos, por exemplo, se referem as atividades do local, o que nos faz considerar que a globalização não é geral: ela é ideológica (DOWBOR, 2001).

Para Dowbor (2001), a distinção dos produtos globais, que indubitavelmente existem (automóveis, computador, celular, entre outros), de outros níveis de atividade econômica e social é fundamental. Para o autor, precisamos melhor compreender os espaços do nosso desenvolvimento, o que

[...] nos evitará batalhas inúteis – não há nenhuma razão para que um país tenha de se dotar de uma indústria automobilística para ser moderno – ao mesmo tempo que nos permitirá enfrentar melhor as batalhas possíveis. Daí a necessidade de substituirmos a visão de que “tudo se globalizou”, por uma melhor compreensão de como os diversos espaços do nosso desenvolvimento se diferenciaram e se rearticulam, cada nível apresentando os seus problemas e as suas oportunidades, e a totalidade representando um sistema mais complexo (DOWBOR, 2001, p. 17).

A lógica do crescimento ou do desenvolvimento puramente econômico desconsidera a existência de outras experiências. Santos (2004) discorre sobre os desperdícios de conhecimento que o mundo ocidental fez e faz. Da premissa do autor, da noção de desperdício pode-se referendar que a experiência social no mundo é muito mais ampla e variada do que se configurou na tradição científica ou filosófica ocidental, bem como do que conhecemos e consideramos importante. Demonstra que aquilo que não existe é, na verdade, ativamente produzido como não existente, ou seja, uma alternativa não-crível ao que existe.

A cultura ocidental desperdiçou inúmeras formas de experiências e para combater esse desperdício, Santos (2004) propõe um novo modelo de racionalidade, a qual chama de razão cosmopolita fundada em três procedimentos sociológicos: a sociologia das ausências, a sociologia das emergências e o trabalho de tradução.

A concepção da sociologia das ausências é o de transformar objetos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças. É também revelar a diversidade de multiplicidade das práticas sociais e credibilizar esse conjunto por contraposição à credibilidade exclusivista das práticas hegemônicas (SANTOS, 2004).

Dito de outra maneira, para a expansão do presente, Santos (2004, p. 46) propõe a sociologia das ausências. Para o estreitamento do futuro, ele apresenta a sociologia das emergências que se resume em

[...] substituir o vazio do futuro segundo o tempo linear (um vazio que tanto é tudo como é nada) por um futuro de possibilidades plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que vão se construindo no presente através das atividades de cuidado.

A cooperação e a confiança, por exemplo, nunca será estabelecida como parâmetro de desenvolvimento enquanto a lógica da competição individual nas sociedades contemporâneas for privilegiada e considerada como única possibilidade. As relações que não apresentam essas características tendem a ser tidas como atrasadas, quando não, inexistentes.

Por que, da perspectiva do desenvolvimento hegemônico, as relações de pertencimento, por exemplo, são desconsideradas de seus indicadores? Porque a relação com a comunidade a qual pertence foi desqualificada enquanto indicativo de desenvolvimento. A proposta de Santos é de que outras práticas sociais sejam consideradas e transformadas em possibilidades. Desconsiderar outras e novas experiências é contribuir para o agravamento das desigualdades.

Da perspectiva de Dubet (2003), as desigualdades são consequências do desenvolvimento. Para o autor, se por um lado as desigualdades “pré-modernas” abreviaram-se, por outro, as desigualdades “funcionais” não foram resolvidas. Para além disso, o autor aponta que as desigualdades se multiplicaram pois outras reivindicações de igualdade emanaram como a luta das mulheres, dos doentes, dos idosos, dos homossexuais, porque já não somos mais somente classe trabalhadora mas também somos indivíduos múltiplos e lutamos por uma política do sujeito.

Dentro do raciocínio de Santos, cotejado com o de Dubet, têm-se um quadro de desigualdade, a qual resulta do projeto político-econômico que não abranda as desigualdades existentes e, frequentemente, se consolida, sobretudo nas extremidades da escala social. Sobretudo, ainda, porque há um apagamento ou uma sobreposição das experiências produzidas nas escalas mais baixas, caracterizadas como atrasadas ou descompassadas do projeto presentificado.

Nessa dinâmica, o modo de produção industrial-urbano em vigência agrava as relações socioculturais, consequentemente as de políticas, de acesso aos direitos, de economia. Não obstante aos agravamentos, as rápidas e contundentes transformações impostas pelos tempos tecnológicos e informacionais trazem consigo novas desigualdades, sem, contudo, termos superado desigualdades históricas.

Essas desigualdades se manifestam de diferentes formas, vezes súteis vezes explícitas. Dowbor, Sachs e Lopes (2010, p. 9), apresentam o seguinte argumento:

Estáramos vivendo melhor, com estes rumos? Os desequilíbrios sociais estão se demonstrando tão dramáticos como os desequilíbrios ambientais. Já morreram 25 milhões de pessoas de Aids, e estamos discutindo o valor das patentes, porque a pirataria, evidentemente, não é ética. Deixamos morrer dez milhões de crianças por ano de causas ridículas, e aparentemente não é um problema

ético, nada em todo caso que não seja resolvido com um pequeno programa corporativo de ajuda a uma favela ou a uma escola. A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) mostra que, com a crise financeira de 2008, o número de desnutridos do planeta subiu de 900 para 1.020 milhões, em particular porque houve um deslocamento de aplicações especulativas de papéis financeiros para commodities, encarecendo os grãos. Nada disto, aparentemente, constitui uma situação de crise. Crise é quando os especuladores param de ganhar dinheiro, e para enfrentá-la todo o dinheiro necessário foi encontrado, dezenas de vezes o que seria necessário para enfrentar os dois dramas do planeta: o ambiental e o social.

Dubet (2003, p. 43) afirma que essas múltiplas desigualdades resultam da conjugação de um complexo de fatores que aparecem como o produto mais ou menos perverso de práticas ou de políticas sociais que têm, justamente, como objetivo de limitá-las, nos seguintes termos:

Mesmo se a crítica dos efeitos perversos do Estado-Província não é nunca destituída de segundas intenções, não é menos verdade que alguns destes efeitos perversos não podem ser ignorados, particularmente os efeitos de dependência e de estigmatização e especialmente o fato que essas políticas são muitas vezes favoráveis aos que são menos desfavorecidos.

Para o autor, o desejo de equidade é inseparável da complexificação dos instrumentos das Ciências Sociais e da Estatística que evidenciam a diversidade de registros de desigualdades e conseguem, pelo menos teoricamente, distinguir as diferentes causas sociais e as que são próprias do indivíduo.

Nos interessa, a partir das sugestões de Dubet, apresentar como outras formas de organização poderiam contribuir para questionarmos as consequências socioculturais de sociedades de práticas individualizantes e voltadas ao consumo.

A individualidade, o individualismo, a competição, a concorrência passam a traduzir-se na métrica do crescimento, consequentemente do desenvolvimento homogeneizador de nossos tempos. Ao local, da perspectiva da coletividade, da sustentabilidade, da cooperação, da confiança e de segurança, é que se pode apostar no surgimento de alternativas aos modelos de sociedades seduzidas pela falsa crença da simetria da igualdade e da liberdade. As sociedades industriais-urbanas determinam, não sem contradições, tensões, conflitos e enfrentamentos, os modos de organização societária.

Em se tratando de crescimento ou de desenvolvimento econômico tem-se a convicção, tomando como exemplo os argumentos da literatura privilegiada e da realidade planetária, que esta ocorrendo a aceleração do ritmo da vida e do empobrecimento das relações humanas. Há que se ter outras formas de organização da vida econômica, política, social, simbólica, ética, moral e cultural de inserções, conscientes ou não, as quais devem privilegiar processos de reelaboração de estruturas cognitivas que incorporem as diferenças, sem colonialismos, autoritarismos, conservadorismos, imposições de modelos ou modelizações. Para Berman, (2007, p. 410), permitir novas e outras expressões de vida se faz necessário, já que:

[...] as mesmas tendências econômicas e sociais que incessantemente transformam o mundo que nos rodeia, também transformam as vidas interiores dos homens e mulheres que ocupam esse mundo e o fazem caminhar.

Na dimensão das táticas de manutenção da cultura local, autores como Froehlich (2003) e Lopes (2009), têm somado esforços para compreender como as comunidades elaboram estratégias e tecem táticas diante destes quadros sociais complexos, constituindo e reconstituindo suas identidades. Valoriza-se, para localizar os processos alternativos de desenvolvimento, os apontamentos de Lopes (2009), no sentido de que as relações, em especial no campo da cultura, nunca se imobilizam a si própria, movimentando-se em dinâmicas ora estratégicas, ora táticas, mesmo diante do deslocamento entre tempo-espaco causado pela globalização.

As ausências como possibilidades de diminuição das desigualdades

A literatura privilegiada contribui para a reflexão sobre outras possibilidades de desenvolvimento. Das desigualdades multiplicadas de Dubet, à sociologia das ausências de Santos, a perspectiva do desenvolvimento global descartou outras possibilidades de desenvolvimento não globais, que podem ser consagradas a diferentes unidades territoriais, pequenos agrupamentos humanos, organizações comunitárias, municípios e/ou microrregiões.

As narrativas privilegiadas neste trabalho reforçam os modos de viver do lugar e apresentam possibilidades de desenvolvimento estruturadas em relações de confiança e cooperação. Como não reconhecer as sociedades desenvolvidas, comunidades que vivem harmonicamente há séculos de forma efetivamente sustentável? Como classificar como desenvolvidas, sociedades onde o isolamento e a individualização está levando o homem a autodestruição?

As transformações vivenciadas no Ladakh com a chegada do “progresso” colocam em xeque as noções de experiências coletivas históricas. No documentário Futuros Antigos, o alerta está posto: “Tem havido progresso, mas as pessoas não são mais tão felizes como antigamente”. Comunidades que viviam harmonicamente, com a chegada do modelo global, perderam sua autonomia. O sentimento de autoestima desmoronou, desequilibrando toda a lógica sobre a qual essas comunidades viveram e sobreviveram durante séculos.

A vida no Ladakh, como em diversas comunidades com as mesmas características, é exemplo de alternativa a outros modos de viver coletivo, em grupo e comunitário. O Ladakh é

na verdade, uma cultura rica, uma cultura em que as pessoas são capazes de preencher não só as suas necessidades materiais, mas ainda mais importante, a sua necessidade de pertencer tanto ao seu lugar na terra como à comunidade de que fazem parte.

Nos documentários analisados, é enfática a importância da valorização de ações e atitudes que se inscrevem em fundamentos tais como: coletividade, sustentabilidade, cooperação, confiança e segurança. Entre as narrativas e depoimentos esses princípios se estabelecem.

A coletividade passa a ser instrumento organizativo fundante. A vida em grupo, segundo os depoimentos de Noivas do Cordeiro, ganha sentido. Naquela comunidade essas noções se potencializam: “Aqui nada é de ninguém, tudo é de todos”. O narrador consegue capturar as dimensões de organização desse grupo: “(...), também na roça e na casa vivem de maneira comunitária e o resultado é de todos”.

Em Futuros Antigos, o narrador apresenta como a cultura ocidental e suas imposições produtivas vem descaracterizando as chamadas sociedades tradicionais com o argumento que:

as pessoas estavam em grande medida, dependentes de si próprias, as decisões eram tomadas pela comunidade. Hoje em dia, cada vez mais decisões, mesmo aquelas que afetam a vida cotidiana na aldeia, são tomadas em longínquos de parlamentos governamentais.

Outro depoimento de Futuros Antigos valoriza o coletivo que, mesmo diante de toda pressão do desenvolvimento econômico industrial e urbano, acredita naquele modo de viver, pois “[...] trabalhamos juntos, comemos juntos, dormimos juntos”. Esse movimento coletivo é que dá sentido a vida do local.

A coletividade imprime outra interpretação da relação com o trabalho já que “a autoconfiança é baseada em capacidades que se encontram muito bem adaptadas no meio local. Este é um modo de vida sem horas contadas: trabalho e lazer são um só” conforme relato apresentado em Futuros Antigos. Trabalhar é sentir-se contribuindo para o funcionamento e permanência da comunidade. Em Noivas do Cordeiro, trabalho também é razão de viver:

eu sou a cozinheira. Adoro fazer isso. Faço porque gosto. Tem 08 anos que eu to cozinhando e acho que não conseguiria viver sem isso. Cada um tem uma área para trabalhar. Uma lava o banheiro, outra arruma a cozinha de almoço e janta, outra cozinha, a outra arruma a casa, cada um na sua área.

Em O Mineiro e o Queijo, os depoimentos não são diferentes. A forte relação com o produto une as pessoas do local: “Nós somos famílias. O queijo da Canastra, nós somos irmãos”. A tradição na produção do queijo transforma os produtores em irmãos e não em competidores ou concorrentes e supera o conceito do queijo enquanto mercadoria: “Quem faz queijo faz muito por amor [] Eu fico satisfeita de cuidar dos queijos. Eu acho que se tirar o queijo de mim eu até adoço.”.

Em Noivas do Cordeiro tudo é experimentado de forma coletiva e para todos. Não se vê separação nos momentos de trabalho, diversão e organização, entre jovens, adultos, idosos e crianças: “é todas nós juntas, a gente trabalha brincando, conversando. É cansativo, mas por ser, tá tudo mundo junto, tá ali junto, é muito bom”. Sobre qualquer pretexto, os espaços são todos coletivos e coletivados:

Aqui a gente não tem muita mania de divertir jovens separados, idosos pra lá, crianças pra lá, não tem, a gente, todo mundo junto então a gente gosta é muito de teatro, é uma coisa que todo mundo aqui adora, já por isso. Porque agrada a criança, o adolescente e o idoso. Forró, todo mundo adora dançar forró, assim desde pequenininha, a gente dança forró. Tem as brincadeiras que a gente faz. Baralho, a gente adora jogar baralho. Jogar conversa fora é o que a gente mais gosta. Reunir também. Bater aquela conversa, aquela roda, aquele bate papo, é muito interessante. Contar piada. Tudo que é aquele movimento de reunir, já faz graça, já é uma diversão, porque estando todo mundo junto já automaticamente já diverte.

As questões coletivas em Noivas do Cordeiro é inerente à maneira de viver e, no limite das relações travadas naquele espaço, tudo é de todos e nada é de ninguém. Até na criação dos seus filhos impera o espírito comunitário, pois “todo mundo, primo, tio, todo mundo ajuda a cuidar. Todo mundo é um pouco mãe”.

A relação com a natureza e com os princípios de sustentabilidade são inerentes aos seus modos de vida. O princípios de uso coletivo da terra ganha consistência e prevalece, em outra fala de Noivas do Cordeiro:

A gente decidiu assim; ao invés de cada família plantar a sua roça, porque vai ser muito mais difícil de uma pessoa só cuidar, então a gente decidiu plantar em uma só área. Então, todo mundo ajuda a preparar a terra, a capinar, plantar, colher. E tudo que é produzido é para o consumo de todos. Nada é para vender, é para o nosso sustento mesmo.

Além disso, o uso de saberes e técnicas tradicionais permitem uma forma de viver mais sustentável. Na produção do queijo, por exemplo, não há desperdícios: “O soro é usado para fazer ricota, manjares e diversas quitandas”. Na conservação e/ou resfriamento do local de armazenamento do queijo, “planta uma árvore ao lado da casa de queijo”. As pequenas propriedades são quase todas sustentáveis: “Nós praticamente não compra nada. Frango, tá sobrando. Ovo, nem se fala. Fruta... verdura... comprar o quê?”. O modo de vida coletivo mostra-se sustentável, mesmo antes da discussão vir à tona pelos cientistas e pela academia.

Os documentários, pelas características das comunidades estudadas, enriquecem as sugestões de sustentabilidade no sentido de fortalecimento de estratégias que assegurem a permanência das pessoas no lugar, da produção dos meios de vida e de práticas que possibilitem uma vida digna, quer seja pela produção de alimentos confiáveis, quer pela qualidade de vida gerada, quer pela preservação da cultura e do meio ambiente. Em Futuros Antigos essas dimensões são efetivas:

[...] as pessoas não desperdiçam seja o que for. Seja madeira, pedras, ervas, seja água, qualquer coisa. Não desperdiçam nada, tudo é aproveitado. Neste sentido, poderíamos realmente dizer que os Ladakhis são verdadeiros economistas. Não como os economistas modernos, que só falam em crescer, aumentar a produção, destruindo os recursos naturais. Não dessa forma. Em vez disso, cuidando dos recursos e valorizando-os. [] Nas aldeias, o lixo é desconhecido. Tudo vem da terra e tudo volta para ela.

Em O Mineiro e o Queijo e as Noivas do Cordeiro as questões de sustentabilidade são expressões presentes nas experiências cotidianas das pessoas do lugar. Em O Mineiro e o Queijo o respeito à natureza, à terra e ao gado são condições essenciais para a manutenção das técnicas de produção de queijo, pois “sem o gado não há queijo”. Já em Noivas do Cordeiro a vida em comunidade implica em se sustentar e ser sustentada, ou seja: “podemos nos esforçar e estabelecermos uma relação com os outros e com a terra”.

As ações de coletividade e de sustentabilidade necessitam de atitudes de cooperação. A cooperação ultrapassa as relações que são pautadas pelo interesse de competição e de concorrência presentes nas esferas da sobrevivência meramente econômica.

Observa-se que os produtores, em O Mineiro e o Queijo, dentro de suas produções individuais, fomentam as cooperações pela via da comercialização do produto, pela difusão dos saberes e das técnicas de produção do queijo, principalmente confiança da presença dos vizinhos para auxiliar no que for preciso: “quando o queijo dá problema, nós buscamos o pingo⁶ na casa do vizinho”.

O documentário também encerra abordando as questões de confiança quando fala dos queijos tradicionais não registrados: “Esse queijo não tem o carimbo do governo federal. Nem estadual. Mas tem a confiança das pessoas que o consomem e aprovam a mais de duzentos anos”.

A relação de troca e confiança não está somente entre as pessoas mas também com a natureza, com os animais. Na abertura do documentário, o depoimento diz: “Isso aí é a mesma coisa dos filhos. Eu trato delas pra elas tratarem de mim.”, referindo-se às vacas produtoras do leite que permite a produção do queijo que além da renda, traz razão de viver para a localidade.

Na fala de um morador de Moeda, município vizinho à comunidade de Noivas do Cordeiro, elas merecem a sua admiração, pois:

Até hoje como é que, pertinho da gente aqui, eu não sabia, o povo tá vivendo em comum, trabalha e divide, tudo em comum né? O produto do trabalho, todo mundo tem para comer, tem pra beber, tem dinheiro, precisa de dinheiro, lá eles tem dinheiro. Quer dizer, eu fico admirando isso aí, viver em comum. Porque hoje em dia, aonde entra o vil metal, o dinheiro, é muito difícil de ter amizade e a confiança entre as pessoas.”

As narrativas sobre cooperação capturadas no documentário Futuros Antigos destacam que trabalho agrícola é realizado de modo intensamente cooperativo. Ou seja:

[...] junto de vizinhos e outras famílias, as pessoas pedem ajuda. Por sua vez, os membros da família oferecerão a sua ajuda em troca []. Não há transação monetária. Apenas são servidos alimentos []. Ajudam de graça, vizinhas e familiares, mesmo distantes.

⁶ O “pingo” é um fermento natural desenvolvido ao longo do tempo em Minas Gerais. Esse modo artesanal tradicional de fazer o queijo mineiro foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial de Minas Gerais em 2012. O dossiê pode ser acessado no endereço

http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Dossie_Queijo_de_Minas_web.pdf

Essas relações só ganham corpo diante do estabelecimento de confiança entre as pessoas, processos e grupos. Agrupamentos e comunidades com essas características estabelecem relações afetivas e socioculturais em que há um conjunto de valores centrados na sinceridade, na lealdade, na amizade. Quanto mais próximo e implicado na intimidade das pessoas, famílias e comunidades maior o grau de confiança se estabelecerá.

Na prática, as comunidades refletem sobre as relações de reciprocidade que se estabelecem entre o homem, a natureza e a terra. Essa relação pode ser ampliada para se pensar as questões de sustentabilidade, de soberania alimentar, de segurança, da relação homem-natureza. Na cooperação, o homem faz bom uso da terra preparando-a, alimentando-a, e ela, em agradecimento, retribui esse trabalho com a produção abundante, com fartura.

O princípio da confiança está implicado com todas as frentes de organização da comunidade Noivas do Cordeiro, desde o cuidado com a criação dos filhos até os momentos de lazer:

[...] é até engraçado né, porque as crianças são criadas por muitas mães. Elas já nascem desde bebê, no dia, elas já fazem vários cortes. Então, é muito engraçado, porque a criança, ela já acho que o bebê já adapta conforme ele é criado né? [] Esse modo de vida está tão presente entre nós que até nos momentos de lazer, pensamos coletivamente.

Em termos socialmente constitutivos, os valores identificados nos documentários ganham relevância e sentido se a comunidade construir ações efetivas de confiança, as quais resultem na sensação de que se experimenta suficiente grau de segurança. A segurança passa a ser um elemento balizador na realidade local, a qual impulsiona sentimentos de tranquilidade e de crença de que o outro estará lá para protegê-lo, individual e coletivamente.

Esse sentimento aparece em *Futuros Antigos*, em que o narrador afirma que: “as pessoas têm a segurança de saber que podem depender uma das outras”. Aparece também no depoimento da matriarca em *Noivas do Cordeiro* ao falar que: “aqui em casa mesmo moram mais de 40 pessoas. Mas ninguém tem a sua roupa, a sua comida. É a união. Você acredita que eu nunca vi uma discussão aqui em casa?!”. Arremata: “[...] não tem brigas, não tem inimizades”.

Em *Futuros Antigos*, os depoimentos mostram que a localidade reconhece as barreiras relacionais presentes na contemporaneidade, mas busca fortalecer o coletivo. Para eles, “[...] nos dias de hoje, cada vez mais as pessoas tem dificuldade em viver em conjunto” mas que no *Ladakh*, as pessoas “[...] têm a segurança de saber que podem depender uma das outras”.

Considerações Finais

A pergunta realizada neste artigo problematiza as formas em que o desenvolvimento estabelece como possibilidade de efetivação de modos de cooperação nas relações sociais e de sustentabilidade, dentro das variações trazidas em suas concepções teóricas e práticas, os quais sistematizam em atitudes, ações e convívios solidários, traduzidos em experiências coletivas.

No pressuposto estabelecido, contramão dos processos produtivos vigentes, o local e a cooperação em tensão com o global e a competição e se apresentam em condições de viabilidade de outras experiências. No global e na competição ocorrem as tentativas de uniformização e de padronização dos comportamentos, estas traduzidas em idealizações de consumo e em economias concorrenciais.

A sistematização dos dados, pela correlação da teoria com os relatos presentes nos documentários, permite apontamentos de desenvolvimento que podem constituir elaborações de estratégias e táticas diante da realidade local: a cooperação, os laços e a relação com a terra e a força dos saberes locais. Estes elementos servem de alento e exemplos de alternativas ao modelo de sociedade que privilegiamos.

Os documentários selecionados trazem propostas contrastantes das tendências globais de desenvolvimento, impostas pela nova ordem mundial produtiva. As concepções de trabalho, mercado, consumo e desenvolvimento passam por manifestações coletivas e de cooperação.

As experiências promovidas nas localidades presentes nos documentários ilustram o desperdício de saberes e práticas

que as sociedades industriais urbanas, tecnológicas e informacionais, têm empreendido para as dimensões da realidade rural, local e dos pequenos centros urbanos. No âmbito do local é que se apresentam as condições de efetivação das emergências de ordem planetária.

Não há respostas prontas, mas há muitas perguntas a serem respondidas. Se uma mudança efetiva é possível não se sabe, pois encontramos-nos dentro da onda do capitalismo o que nos impede de visualizá-lo de fora. Entender o desenvolvimento e suas consequências já é um grande passo. O desenvolvimento é para todos? Quem tem direito aos frutos do desenvolvimento? É possível a prática do desenvolvimento social dentro do modo capitalista de produção? Como fazer essa mudança? Essas são algumas das questões que foram discutidas neste trabalho, contrapondo o conceito tradicional de desenvolvimento (econômico, que pressupõe desigualdade) com novas perspectivas do conceito de desenvolvimento (social e ambiental, que preconiza a equidade).

O desenvolvimento trazido pelos autores não se limitam a conceituá-lo. Quando o fazem, não reduzem o conceito ao plano econômico, mas abordam as dimensões sociais e ambientais do desenvolvimento. Esta visão pluridisciplinar do desenvolvimento demanda uma reflexão profunda vinda das ciências sociais e de outros campos da ciência sobre o modo capitalista de produção e suas perversidades. E força questionamentos sobre alternativas de desenvolvimento social dentro do sistema vigente ou ainda uma radical ruptura com o capital: um dilúvio sobre o modo capitalista de exploração e o renascer de um novo modelo de sociedade, mais harmônica, mais justa e menos desigual.

Minimizar as desigualdades deve passar a ser a prioridade do mundo global, o que não parece ser a tônica. O desenvolvimento não pode ficar restrito aos interesses do econômico, aos modos de produção industrial tecnológicos, à sociedade da informação e das seduções das dinâmicas do urbano e do consumo.

Do ponto de vista do desenvolvimento, em que se incorpore as dimensões do social, do local e do sustentável, carece de rompimento com as tendências de esvaziamentos das experiências coletivas e com o excesso de legalismo presentes nos instrumentos de acesso a direitos. O vigor dos grupos e das comunidades dependem do acesso a direitos.

Não em tom de lamento, mas de constatação, apesar de todo o progresso tecnológico, das invenções e da informação, se analisarmos a situação humana, além de não termos resolvido problemas substanciais como a fome, outras demandas de acesso surgiram, o que pode ter agravado ainda mais as desigualdades, principalmente nos níveis de pobreza.

No plano das concepções de desenvolvimento, faz-se urgente encontrar um conjunto de mecanismos de negociação que o local pode estabelecer, dentro de processos de geração de renda, de resistências e de vida coletiva-comunitária, frente à imposição que impera pela cultura ocidental global-padronizadora. A valorização das experiências coletivas desperdiçadas e, acima de tudo, de reivindicar políticas sociais e públicas que evoquem a importância do local e das coisas do local.

Reverbera-se que a leitura das diferentes facetas do desenvolvimento por meio de documentários exibidos no projeto de extensão 'Cine & Prosa' traz a possibilidade, cotejados em argumentos teóricos que questionam as consequências da valorização do crescimento econômico, de ampliação ao entendimento sobre desenvolvimento para outras dimensões, as quais incorporem o social, a cultura e a sustentabilidade.

A partir dos documentários Futuros Antigos, Noivas do Cordeiro e O Mineiro e o Queijo encontrou-se um conjunto de depoimentos e imagens que, aos olhares mais atentos, promovem indagações sobre as nossas escolhas de sociedade, desenvolvimento, trabalho, saúde, meritocracia, meio-ambiente, educação, segurança, cultura, tempo, agricultura e estilo de vida, em que se faz urgente uma revisão dos nossos valores de solidariedade, cooperação, comunidade, relação com a terra e saberes.

Referências

- ANDRADE, T. N. Aspectos Sociais e Tecnológicos das Atividades de Inovação. **Lua Nova**, São Paulo, n. 66, p. 139-166, 2006.
- ARRIGHI, G. **A ilusão do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- BANDEIRA, P. **Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional**. Brasília: IPEA, 1999.
- BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COSTA, M. R. PIMENTA, C. A. M. **Violência**: natural ou sociocultural? São Paulo: Paulus, 2006.
- COSTA, S. Quase Crítica: insuficiência da sociologia da modernização reflexiva. **Tempo Social**, São Paulo v. 16, n. 2, p. 76-100, nov. 2004.
- DAGNINO, R. P. BAGATTOLLI, C. Como transformar a Tecnologia Social em política pública?. In: DAGNINO, R. (Org.). **Tecnologia social**: ferramenta para construir outra sociedade. Campinas: Komedi, 2010. p. 155-178.
- DOWBOR, L. **A Reprodução Social**: tecnologia, globalização e governabilidade. São Paulo: Vozes, 2001.
- DOWBOR, L. SACHS, I. LOPES, C. (org.). Apresentação. In: **Riscos e oportunidades em tempos de mudanças**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire; Fortaleza, CE: Banco do Nordeste do Brasil, 2010, p 9-11.
- DUBET, F. **As Desigualdades Multiplicadas**. Ijuí (RS): UNIJUI, 2003.
- FROEHLICH, J. M. A (Re) Construção de Identidades e Tradições: o rural como tema e cenário. **Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política**. Niterói, RJ, n. 14, p. 117-132, 1º sem-2003.
- FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- LOPES, J. R. Tudo no mesmo lugar? Cultura e formações culturais na globalização. In: SOUZA, C. M. SILVA, L. C. COSTA, A. R. F. (Orgs.) **Local x Global**: cultura, mídia e identidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009. pp. 11-34.
- PIMENTA, C. A. M. Tendências do desenvolvimento: elementos para reflexão das dimensões sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, SP, v. 10, n. 3 (número especial), p. 44-66, set-2014.
- SACHS, I. De volta à mão invisível: os desafios da segunda Cúpula da Terra no Rio de Janeiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 74, p. 7-20, 2012.

SACHS, I. **Desenvolvimento**: includente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências, In: _____ (org.). **Co-nhecimento Prudente para uma Vida Decente**. São Paulo: Cortez Editora, 2004. p. 777-821.

SANTOS, B. S. **Pela Mão De Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

Filmes utilizados

FUTUROS ANTIGOS: aprendendo com Ladakh. Direção de Helena Noberg-Hodge e Eric Walton. Produção de John Page. USA, Berkeley: International Society for Ecology & Culture (ISEC), 1993. 60 min, dublado e legendado. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wAiDPDV2sk4>. Acesso em maio 2015.

NOIVAS DO CORDEIRO. Direção de Alfredo Alves. Direção de Produção de Regina Santiago. Brasil: Canal GNT e Bem-Vinda Filmes, 2007. 60 minutos. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=cVmj1hORxso&t=304s>>. Acesso em junho 2015.

O MINEIRO E O QUEIJO: patrimônio proibido. Direção de Helvécio Ratton. Produção de Simone Magalhães Matos. Brasil: Quimera filmes, 2011. 1 DVD (72MIN), Color.